

INVESTIMENTOS

Ouro pode perder o brilho

Analistas veem cenário menos favorável neste ano para apostar no metal precioso, que foi a grande vedete do mercado em 2025

» RAPHAEL PATI

É praticamente um consenso entre os economistas ortodoxos que, em tempos de incertezas no mercado, os investidores correm para ativos mais conservadores, que sofrem menos com as variações diárias. Em 2025, essa máxima foi novamente constatada em relação ao ouro, que registrou a maior valorização desde 1979, ao ficar 66% mais caro na cotação internacional. Apesar do aumento expressivo, especialistas consultados pelo **Correio** apresentam divergências ao considerar se é hora de investir ou não no metal precioso.

Nos últimos 10 anos, o preço do ouro registrou um crescimento praticamente exponencial, que começou a se intensificar em 2024, quando apresentou uma valorização superior a 20%. Ao analisar o gráfico que compara o valor do metal desde 2016, somente em três anos o valor do ouro não subiu. Ao longo de todo esse período, o ativo rendeu quase 300%.

Uma comparação feita pela Elos Ayta Consultoria mostra que o ouro, entre 13 dos principais investimentos em carteira no Brasil, foi o que mais se valorizou ao longo do ano passado e ficou bem acima do segundo colocado, o Índice Bovespa (IBovespa), o principal da Bolsa de Valores de São Paulo (B3), que subiu cerca de 34%. Somente no último trimestre do ano, a valorização foi 12,67% — também a maior entre os rendimentos listados.

Na outra ponta da lista, no entanto, aparece o bitcoin, que perdeu força no ano passado após registrar um ganhos de mais de 120% em 2024. As fortes incertezas econômicas, principalmente após a posse do presidente dos EUA, Donald Trump, afetaram o valor de mercado da criptomoeda, ao mesmo tempo em que os investidores migraram para rendimentos mais conservadores. Até o dólar, que, normalmente, é considerado um porto seguro em tempos de incerteza, perdeu 11% em comparação com o real, no ano passado.

Guerras e tarifaço

Em 2025, vários episódios de tensões geopolíticas marcaram o ano, como os embates entre EUA e China, sobretudo em relação às tarifas anunciadas pelo governo

Reprodução/Jingming Pan na Unsplash



Porto seguro para quem quer proteger o dinheiro em tempos de turbulência, o ouro foi o ativo que mais se valorizou no Brasil em 2025

Trump, que também intensificou o discurso contra o Irã, considerado o maior inimigo dos norte-americanos no Oriente Médio. So-ma-se a isso a guerra entre Rússia e Ucrânia, que atravessou o ano sem um desfecho, apesar da promessa do presidente dos EUA de acabar com o conflito.

O professor de economia da Universidade de São Paulo (USP) Luciano Nakabashi lembra que a questão dos elevados deficits fiscais norte-americanos contribuíram para o momento de incerteza, com o aumento da razão dívida-PIB, que já estava em patamar elevado. Segundo ele, esse processo tem enfraquecido o dólar em relação a outras moedas e, também, ao ouro. “Adicionalmente, o processo de expectativa e, posteriormente, redução dos juros americanos acaba reduzindo o custo de oportunidade (juros dos títulos americanos) de manter o ouro como ativo”, destaca Nakabashi.

Para o especialista, é possível que se chegue a um acordo na guerra da Rússia contra a Ucrânia e que a situação no Oriente Médio fique mais estável, em relação a 2025. Além disso, o processo de redução dos juros americanos pelo Federal Reserve (Fed) — o Banco Central dos EUA —, que sinalizou mais duas quedas na taxa atual ainda este ano, pode contribuir para a redução dos juros em outros países, inclusive no Brasil. Ele considera que esse processo também ajuda a demanda pelo ouro, mas a manutenção ou queda no grau de incerteza irá favorecer uma redução da procura pelo metal.

“A questão fiscal americana está longe da beira do precipício. A queda dos juros americanos tende a aliviar a situação. Acho muito difícil ver a valorização do ouro como em 2025, a não ser que aconteça algum cenário extremo que eleve muito as incertezas globais”, comenta o economista.

O analista da JHN Consulting Julio Hegedus Netto avalia que esse “ano dourado” para o metal pode ser explicado por uma série de fatores. “Podemos destacar as operações de compra da commodity pelos bancos centrais, visando fortalecer suas reservas, já que o ouro é uma reserva de valor para preservar o patrimônio. É, também, uma proteção contra a inflação, já que, com a guerra comercial promovida por Donald Trump, poderia ocorrer um surto inflacionário pelo mundo”, explicou o analista.

Ele aponta, ainda, que é necessário considerar um período de “normalização” das políticas monetárias pelo mundo, com redução das taxas de juros, o que tende a sacrificar a renda fixa a favor da compra de ouro. “Devemos destacar a instabilidade mundial, com vários conflitos regionais sérios, como a guerra na Ucrânia, (o conflito entre) Israel e Hamas e, agora, EUA com a Venezuela. Não há um momento de paz”,

destaca o analista.

Ouro x dólar

O retorno de Donald Trump à Casa Branca em meio a uma série de conflitos pelo mundo trouxe uma incerteza maior em relação ao dólar, na avaliação de especialistas. Se, em outros momentos de crise, como a vivenciada em 2008 no estouro da bolha imobiliária norte-americana, por exemplo, a moeda ainda era considerada um porto seguro inquestionável, a situação atual é diferente. A ascensão da China na economia mundial e o enfraquecimento do poderio dos EUA nos últimos anos abalaram a confiança na principal divisa do mundo, que, apesar de tudo, ainda mantém o posto histórico.

Diante desse cenário, se o ouro rivalizava com o dólar entre os investimentos mais seguros no mercado internacional, a perda de força da moeda norte-americana



De uma forma geral, acho muito difícil ver a valorização do ouro como em 2025, a não ser que aconteça algum cenário extremo que eleve muito as incertezas globais”

Luciano Nakabashi,
professor de economia/USP

contribuiu, em parte, para o ótimo desempenho do metal, no ano passado, com mais investidores — entre eles, países que estão ampliando suas reservas.

Desde o primeiro dia de 2026, o ouro valorizou mais de 5% e ultrapassou o patamar dos US\$ 4,6 mil a onça-troy (unidade de medida que equivale a 31,1g).

O economista chefe da Blue-matrix Asset, Renan Silva, acredita, porém, que a janela de oportunidade já passou para o ouro. “Investir em ouro, agora, fica um tanto temerário, é necessário buscar algumas janelas de ajustes”, disse ele, que também estima “um cenário negativo para as criptomoedas”.

Para o analista da Vokin Investimentos Guilherme Macêdo, é impossível apontar para qual direção o ouro vai, enquanto o mundo ainda vive um período de incertezas. “Você tem alguns vetores que apontam para uma direção de esfriamento, outros vetores para uma situação de maior perigo no mundo. Então, é muito difícil prever se o ouro vai continuar subindo, dado que já subiu muito”, considera.

Entre o ouro e o dólar, Macêdo afirma que escolheria os dois para investir e aconselha aos investidores a manter uma carteira diversificada. “Eu não tenho perfil para arriscar só em um ativo, porque ele depende de muitos cenários. Em geral, invisto muito em ações que são ativos reais, que pagam dividendos. As empresas continuam, apesar do cenário. Então, eu gosto de renda variável”, recomenda o especialista.

IPEA

Inflação menor dá alívio aos mais pobres

Os preços de alimentos importantes na cesta de consumo deram trégua em 2025, como arroz e feijão, descomprimindo a inflação percebida pelas famílias de renda mais baixa. Porém, houve pressão dos aumentos na conta de luz, no gás de botijão e em despesas com saúde e cuidados pessoais, ressaltou o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea).

O Indicador Ipea de Inflação por Faixa de Renda mostra que a inflação arrefeceu de um aumento de 4,91% em 2024 para uma alta de 3,81% em 2025, no segmento familiar de renda muito baixa.

Para o grupo de renda alta, a inflação acelerou de uma elevação de 4,43% em 2024 para 4,72% em 2025.

O Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), apurado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e usado pelo Ipea para fazer o cálculo da inflação por faixa de renda, arrefeceu de uma elevação de 4,83% em 2024 para alta de 4,26% em 2025.

“O resultado consolidado de 2025 indica que, à exceção da faixa de renda alta, todas as demais classes apresentaram queda da inflação em relação a 2024”, apontou Maria Andreia Parente Lameiras, técnica de Planejamento

e Pesquisa do Ipea, no relatório do indicador.

O indicador do Ipea separa por seis faixas de renda familiar as variações de preços medidas pelo IPCA. Os grupos vão desde uma renda familiar menor que R\$ 2.202,02 por mês, no caso da faixa com renda muito baixa, até uma renda mensal familiar acima de R\$ 22.020,22, no caso da renda mais alta.

Em 2025, quanto mais baixa a faixa de renda, mais branda a inflação acumulada no ano. O movimento é oposto ao registrado em 2024, quando as famílias mais vulneráveis foram mais pressionadas pelos aumentos de preços do que as mais ricas.

“Essa descompressão inflacionária ao longo de 2025 decorreu, principalmente, da melhora no comportamento dos preços dos alimentos no domicílio, cuja variação acumulada no ano recuou de 8,2% em 2024 para 1,4% em 2025”, justificou Lameiras.

A técnica lembra que houve contribuição também para o alívio, embora em menor magnitude, da desaceleração dos preços dos produtos eletroeletrônicos (de -0,8% em 2024 para -5,1% em 2025) e da gasolina (de 9,7% para 1,9%).

freepik



Base da alimentação do brasileiro, a combinação arroz com feijão ajudou no orçamento da baixa renda em 2025

Os vilões

Os principais vetores inflacionários no ano passado, especialmente para as faixas de renda baixa e média, foram os grupos habitação e saúde e cuidados pessoais.

“No grupo habitação, os impactos estiveram associados, sobretudo, aos reajustes do gás de botijão (2,5%) e da energia elétrica (12,3%). No grupo saúde e cuidados pessoais, destacaram-se os

aumentos de preços dos produtos farmacêuticos (5,4%), itens de higiene (4,2%), serviços de saúde (7,7%) e planos de saúde (6,4%).

Para as famílias de renda mais elevada, os grupos transportes, despesas pessoais e educação também exerceram influência relevante, refletindo os reajustes no transporte por aplicativo (56,1%), combustíveis (2,3%), serviços de recreação (6,7%) e mensalidades escolares (6,5%)”, enumerou a técnica do Ipea.

Na passagem de novembro para dezembro de 2025, a inflação acelerou de um aumento de 0,01% para uma alta de 0,14% no segmento familiar de renda muito baixa.

Para o grupo de renda alta, a inflação saiu de uma elevação de 0,45% em novembro para aumento de 0,51% em dezembro. O IPCA do período passou de avanço de 0,18% em novembro para elevação de 0,33% em dezembro. (Agência Estado)

INFRAESTRUTURA

Ibama nega licença a usina térmica em SP

O Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) negou o pedido de licença prévia para a construção da Usina Termelétrica (UTE) São Paulo, em Caçapava (SP). O empreendimento tem previsão de ser uma das maiores térmicas do país e da América Latina, com potencial de geração de 1,7 GW.

A licença prévia é a primeira etapa do licenciamento ambiental e demonstra a viabilidade do projeto sob esse aspecto, além de especificar os requisitos básicos a serem cumpridos nas demais fases.

Em nota, o Ibama disse que a Termelétrica São Paulo Geração de Energia S.A., companhia responsável pela usina e que é controlada pela Natural Energia, não apresentou o Estudo de Impacto Ambiental (EIA) e o Relatório de Impacto Ambiental (Rima) completos. O órgão fez dois pedidos de acréscimos de informações, mas a empresa não atendeu às diligências.

Em geral, quando são solicitadas complementações, a companhia tem até quatro meses para encaminhá-las ao Ibama, a contar da data do aviso. Ao descumprir as demandas, o processo de licenciamento pode ser arquivado, mas a empresa pode iniciar um outro processo. (Agência Brasil)